

## Sou o sonho mais insubmisso dos meus ancestrais

Envergo e não quebro  
não arrego  
não arredo o pé  
titubeio mas não caio  
e se caio  
caio em pé  
ginga necessária para aprender  
um corpo capoeira  
num mundo feito  
para interferir no meu caminho de mulher  
se pequeno sou  
maior a Deusa Preta desse legado  
escuta  
escuta comigo o chamado  
sei que a paz é branca  
a pureza do mundo insustentável  
mas escuta comigo o chamado  
é esse corpo pra revolução convocando  
nesse corpo encruzilhada  
muitos são os caminhos  
na memória do que só sinto, escuto:  
Honre seus mortos, siga em frente e permaneça vivo!  
pois os buracos da máscara de Anastácia  
ressoam até hoje as mesmas vozes  
por desejo de liberdade  
pois o meu corpo pode ser que até envergue  
mas se cai  
outras mil nascerão de pé  
e na memória de outras vidas  
uma só palavra de mensagem  
Coragem, vai, coragem!

(ELISA, Julia. Terra sobre as unhas, 2023)

Nicole Faria Ba-  
tista

Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAN-UFMG), Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com pesquisa sobre cinema, memória e relações étnico raciais. Possui graduação em Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharel), também pela UFMG. Desenvolveu pesquisas na área de Antropologia e Educação, através de iniciações científicas e trabalho com a Formação Intercultural de Educadores Indígenas e na Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG. No campo da educação já atuou como professora do ensino básico e na organização de cursos livres. Atua profissionalmente com comunidades tradicionais, como consultora e analista no registro, identificação e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, além de realizar diagnósticos socioeconômicos e socioambientais. Atualmente é Gerente de Patrimônio Cultural Imaterial do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG).

#### Contato

nicfariab@gmail.com

Rafaela Rodri-  
gues de Paula

Doutoranda em Antropologia So-

## [RE]FAZER ANTROPOLOGIA COM ZORA NEALE HURSTON

*Entre os sonhos no onírico e os sonhos reais*

“Mas no principal, me sinto como uma mala de miscelânea marrom apoiada contra uma parede. Contra uma parede na companhia de outras malas, brancas, vermelhas e amarelas. Derrame fora o conteúdo e se tem descoberto um amontoado de pequenas coisas inestimáveis e valiosas. Um diamante precioso, um carretel vazio, um pouco de vidro quebrado, comprimentos de corda, a chave para uma porta que há muito tempo desmoronou, uma lâmina de faca enferrujada, sapatos velhos salvos para uma estrada que nunca foi nem nunca vai ser, uma unha dobrada pelo peso de coisas muito pesadas para unhas, uma ou duas flores secas, ainda um pouco perfumadas.”

Zora Neale Hurston - Como eu me sinto uma pessoa de cor (2021:1928)

Início com tal trecho do texto *Como eu me sinto uma pessoa de cor* (2021) de Zora Neale Hurston, uma vez que acredito que esse sintetiza os sentimentos e sensações que me perpassaram e por vezes ainda perpassam dentro da universidade e da produção do conhecimento. Acredito ser um “ponta pé” ideal para relatar o que foi a disciplina “Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston”, que resultou nos trabalhos apresentados neste dossiê.

Se me permitem, caros/as leitores/as, eu, Rafaela, uma das autoras do presente texto, irei fazer uma digressão que parte da minha trajetória, mas que representa a trajetória de muitos/as, para chegarmos até a confecção deste dossiê. Desde os meus dezoito anos de idade, quando cheguei à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), especificamente na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, no curso de Ciências Sociais; eu me sentia como uma “mala”, carregava todas as minhas histórias e trajetórias de vida até ali e, ao chegar em uma cidade e universidade nova, me deparei com uma parede branca – diria até que com várias paredes brancas – e me vi ali encostada, como a metáfora de Zora: “uma mala de miscelânea, de conhecimento, sonhos, marrom, preta, encostada em muitas paredes brancas” (Hurston, 2021a). Paredes brancas que não estavam lá pra mim encostar; pelo contrário, por vezes sentia que eu nem deveria encostá-las e aqui eu posso continuar com essas metáforas infinitas do que seriam as paredes brancas que me deparei – “sem dar nomes aos bois”, como diria minha mãe –, mas obviamente estamos aqui para dar nomes a essas paredes.

Eu tenho a sensação de que a esperança por caminhos mais livres sempre me ronda. Quando entrei na graduação, pensava “daqui em diante vai ser lindo”, e logo começaram as primeiras dificuldades: na prática, que era a dimensão financeira, estar numa universidade pública na capital de um estado que era e é extremamente caro. Se não fosse as muitas assistências estudantis

financeiras que acessei, eu jamais estaria neste momento escrevendo o presente texto. De semelhante maneira na pós-graduação, pensando ter superado as dificuldades da graduação, pensava que o caminho fosse mais tranquilo, mas novamente questões financeiras angustiavam toda a felicidade de estar no mestrado, o que também de alguma forma foi “resolvido” com financiamento das bolsas de pesquisas. Mas a sensação de ainda estar cercada por diversas paredes brancas ainda colocava empecilhos para além do financeiro. E, por vezes, sinto que demorei a perceber que era a grande parede branca da produção do conhecimento que permanecia na pós-graduação, talvez agora até mais robusta.

Lembro dessas sensações me perpassando, durante a aula da disciplina de Antropologia Clássica, disciplina obrigatória do curso de mestrado em Antropologia, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Nesse dia, nada coincidente, durante a aula sobre a vida e obra de Zora Neale Hurston, estava eu, aos meus vinte e dois anos, uma estudante negra, cotista, dentro de sala de pós-graduação, única estudante negra da sala (tinha apenas um estudante homem negro), durante a aula toda eu pensava: “Meu deus, se eu me sinto solitária nesse espaço, pensando se eu realmente deveria estar aqui dentro, imagina o que Zora sentia a sua época, cercada de brancões”, e por vezes me perdia em diversos pensamentos pessimistas, conversava em pensamentos com Zora, tentando dizer que nada tinha mudado para nós antropólogas negras. E, felizmente, eu estava, pelo menos em partes, enganada!

Estava em partes enganada, uma vez que o simples fato de ter o conhecimento de Zora dentro de uma sala de aula da pós-graduação sendo lido e debatido pelos estudantes já era uma evidência considerável que existiam mudanças, ainda que a passos lentos, sendo realizadas no espaço das universidades e da produção de conhecimento. Eu mesma fui conhecer Zora através de uma conversa com uma amiga do Coletivo Retomadas Epistemológicas e só fui lê-la posteriormente em um curso de Extensão *online* e gratuito, oferecido durante o período da pandemia do Covid-19 (2021) pelos professores Messias Basques e Denise Cruz –atividade vinculada ao Grupo de Estudos Africanos e Epistemologias do Sul, do Colegiado de Antropologia da Unilab, *campus* dos Palmares. Ainda que o conhecimento e leitura da autora tenha sido em espaços vinculados às universidades, não foi dentro das salas de aulas da graduação de Ciências Sociais que conheci Zora. É, como gosto sempre de pensar com Steffane, outra autora do presente texto e companheira de graduação, como teria sido importante ter visto Zora nas primeiras aulas de Antropologia, como teria sido importante para nós estudantes negras com dezoito anos ter visto a possibilidade de alguém semelhante a nós ali na história daquela disciplina que de início nos parecia tão distante.

Por isso que acredito e associo tal digressão para contar do meu ímpeto no final da aula da disciplina da pós, já em 2022, em dizer ao professor Ruben, carinhosamente chamado de Rubinho: "Rubinho, eu quero ver Zora na graduação, ein?!", e essa pequena frase, que carrega da mais simples "cobrança" à uma provocação, suscitou a contraposta feita pelo professor Ruben de oferecermos juntos a disciplina sobre Zora para graduação; e, como bem diz as letras da canção *Pré-lúdio*, de Raul Seixas: "Sonho que se sonha só/ É só um sonho que se sonha só/ Mas sonho que se sonha junto é realidade". Steffane, que antes já tínhamos oferecido juntas um minicurso sobre Zora em um evento do Programa de Educação Tutorial de Ciências Sociais (PET-CS/UFMG)<sup>1</sup>, entrou para a construção dessa disciplina, e Nicole, que se dedica a pensar a história e produção de Zora em suas pesquisas de doutorado, completou o "time" da disciplina.

Acredito ser importante ressaltar que essa provocação dita por mim, Rafaela, carregava toda uma coletividade que me ensinou e educou ao longo de toda minha formação, desde as longas conversas com amigos/as negros/as da Ciências Sociais e nossas angústias compartilhadas da graduação por não ter autores negros no currículo do curso, como também o Coletivo Retomadas Epistemológicas, anteriormente citado; são esses espaços de aprendizado que também tornou possível a disciplina de Zora na graduação. Não é, jamais, e simplesmente, parte de uma inspiração individual, mas sim de uma luta que é coletiva, a qual é atrelada ao espaço de uma escuta cuidadosa e atenta do professor Rubinho, que do seu lugar como um professor que poderia dar esse espaço e oportunidade da disciplina, se apoderou dessa provocação coletiva e construiu conosco esta linda disciplina no ano de 2023.

\*\*\*

Essa provocação surtiu efeito sobre mim, me arrebatou como nunca durante um já longo período de formação e docência em Antropologia. Desde meus tempos de graduação na UFMG e mestrado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), nos idos da década de 1980 e início de 1990, nunca tinha lido ou ouvido falar de Zora Hurston. E, portanto, ela tinha sido, nada mais nada menos, aluna de Franz Boas, contemporânea de Ruth Benedict e Margaret Mead. Ela tinha feito pesquisas etnográficas muito rigorosas sobre o folclore afro-americano no norte da Flórida e sobre as práticas e os rituais do Voodoo no Haiti e na Jamaica (Hurston, 2008a; 2008b). É verdade, ela criou um tanto de outras formas literárias fora dos padrões e das caixinhas acadêmicas, escreveu peças de teatro, realizou filmes. Mais do que isso, antes do auge do movimento pós-moderno na Antropologia, na década de 1980, muito antes disso, Zora Hurston já tinha experimentado estilos de escrita inovadores e "ficções persuasivas", como no seu livro *Barracoon*, cuja escrita foi concluída em 1931, mas só publicada em inglês em 2018, e traduzido para português como *Oluê Kossola: as palavras do*

*Último homem negro escravizado* em 2021.

Ou seja, Zora Hurston poderia ter sido lida como uma antropóloga clássica, contemporânea ou *avant la lettre*. Mas não foi. Foi invisibilizada na história da disciplina! Por quê, por quem? Quando, em 2022, fui provocado ou chamado por Rafaela para ofertar um curso sobre Zora Hurston, no contexto de uma disciplina de teoria antropológica clássica, isso me tocou e desafiou. Como eu, um homem branco, poderia falar de uma antropóloga negra? Mais do que isso, eu, um antropólogo que foi formado e aprendeu a dar aula acerca de uma antropologia muito clássica (ou muito organicamente eurocentrada), como é o caso de autores como Malinowski e Lévi-Strauss, e só mais recentemente tinha sido movido e fortemente inspirado por antropólogas ou estudiosas mulheres e feministas como Marilyn Strathern e Donna Haraway. Sobre elas, eu ainda poderia falar alguma coisa, mas sobre Zora Hurston, não poderia e nem deveria falar quase nada. Mas não falar nada sobre Zora Hurston, ou ter uma única aula dela no meio de um monte de outros autores "clássicos" da Antropologia, isso era contribuir para sua condição marginal na história da disciplina ou para sua invisibilidade. "Era preciso ter um curso inteiro sobre Zora Hurston!", pensei! Sabia que Rafaela, sozinha, uma aluna negra brilhante do curso de Ciências Sociais e do mestrado em Antropologia da UFMG, era capaz de ofertar sozinha o curso sobre Zora Hurston. Ainda no plano inicial da disciplina, Rafaela teve a ideia maravilhosa e generosa de convidar duas outras colegas (Steffane e Nicole) de curso de mestrado e de doutorado em Antropologia, estudiosas e conhecedoras da obra de Zora, para vir somar conosco na empreitada, ou seja, na "oferta" compartilhada de um curso ao nível de graduação em Ciências Sociais sobre uma "autora negra".

Entretanto, pela burocracia da universidade, o curso tinha que ser ofertado em nome de um professor regular do Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA). Por ocasião do planejamento da oferta para o segundo semestre de 2023, no meu departamento, alguns colegas ainda disseram, "ah, mas você não pode dar essa disciplina com as alunas, elas não podem dar aulas para você; só se você ofertar uma disciplina a mais, essa aí não pode ser contabilizada nos seus encargos". Agora penso, os meus colegas de departamento estavam pensando que eu colocaria meu nome lá como professor, as alunas dariam aula para mim, e eu iria em sala preguiçosamente só de vez em quando, sem ler os textos ou preparar as aulas. Acabei tendo que dar uma disciplina além dos meus encargos naquele segundo semestre de 2023, para que o curso de Zora Hurston fosse aceito pelo departamento naquele formato, de forma compartilhada com Rafaela, Steffane e Nicole.

E, assim, eu tive a experiência mais incrível e marcante de toda minha vida de docência na universidade. Tive a oportunidade de ler e conhecer todos os textos de uma antropóloga negra, de acompanhar quase todas as aulas, que eram, na verdade, um intenso diálogo entre os textos das

cial no Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAn-UFMG), mestre em Antropologia Social pelo mesmo programa, graduada em Ciências Sociais (Licenciatura) na mesma universidade. Possui interesse nas áreas de Gênero e Raça desenvolvendo pesquisa com esses marcadores nas trajetórias de trabalhadoras domésticas negras.

#### Contato

depaularafaelar@gmail.com

#### Ruben Caixeta de Queiroz

Professor Titular do Departamento de Antropologia e Arqueologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do CNPq, produtividade em pesquisa desde 2013. Pós-doutorado pela Universidade de Brasília, com bolsa pelo CNPq, 2011, sob orientação de Stephen Grant Baines. Concluiu a graduação em Ciências Sociais pela UFMG (1987), sob a orientação da professora Vera Alice Cardoso e Silva; o mestrado em Antropologia Social pela UNICAMP (1991); sob a orientação do Professor Carlos Rodrigues Brandão; o doutorado em Letras e Ciências Humanas pela Universidade Paris-Ouest Nanterre la Défense (1998), sob a orientação da Dra Claudine de France.

Coordenador e colaborador na FAFICH/UFMG do Laboratório de Etnologia e do Filme Etnográfico (LEFE) e do Núcleo de Antropologia Visual (NAV). Foi membro das comissões que criaram o Programa de Acesso e Permanência do Estudante Indígena na UFMG e os cursos de graduação e pós-graduação em Antropologia da UFMG. Foi coordenador por três mandatos (2006–2008, 2012–2014, 2016–2017) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFMG. Co-editor da *Devires – Revista de Cinema e Humanidades*. Co-fundador e co-organizador do *Forumdoc.bh* (Festival do Filme Documentário e Etnográfico de Belo Horizonte), evento que acontece anualmente desde 1997. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Etnologia Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas e áreas: etnologia, filme etnográfico, antropologia visual, Guiana e Amazônia.

**Contato**  
caixetadequeiroz@gmail.com

**Steffane Pereira Santos** Cientista Social (UFMG). Mestranda em Antropologia (UFMG). Integrante do Coletivo Retomadas Epistemológicas.

**Contato**  
steffanespereira@gmail.com

autoras e as trajetórias de vida de cada um dos estudantes e docentes, ou seja, uma pedagogia nova em relação àquela que eu estava habituado, no qual o professor fala e os alunos “ouvem” ou comentam os textos de forma “objetiva e crítica”. Eu creio que esse sentimento, de uma experiência incrível e inigualável, tenha sido de todas as estudantes e docentes do curso. Para mim, um docente que sempre ouviu falar que o jeito certo de dar aula é “expor” o texto e as ideias do autor de forma crítica e objetiva, o maior desafio era ficar em silêncio, ouvir minhas colegas docentes que sabiam mil vezes mais do que eu sobre a autora e o tema do curso, ouvir as estudantes, a partir de suas trajetórias de vida e de conceitos contra coloniais, que eles dominavam de forma tão habilidosa, como “negritude”, “epistemicídio”, “racialidade”, “amêfrica”, “pretuguês”, “letalidade branca”, “escrevivência”, “memórias diaspóricas”, “confluências”, “cosmologias da contra-colonização”.

Ouvir, dialogar silenciosamente, aprender com as colegas, era isso que martelava a minha mente durante as aulas ou as rodas de conversa. Sem dúvida, por muitas vezes, tive vontade de falar, e tive que fazer um enorme esforço para me silenciar! E passei, durante quase todo o curso, pensando sobre a função do diálogo e do silêncio como estratégias pedagógicas ou como modos de acesso ao conhecimento. Já escrevendo esse texto, hoje, me lembrei de um poema de Carlos Drummond de Andrade, que gostaria de compartilhar com as leitoras e os leitores de nossa introdução, pois ele beira a um chamado epistêmico para a Antropologia contemporânea, trata-se de *O Constante Diálogo*.

Há tantos diálogos  
Diálogo com o ser amado  
o semelhante  
o diferente  
o indiferente  
o oposto  
o adversário  
o surdo-mudo  
o possesso  
o irracional  
o vegetal  
o mineral  
o inominado

Diálogo consigo mesmo  
com a noite  
os astros  
os mortos  
as ideias  
o sonho  
o passado  
o mais que futuro

Escolhe teu diálogo  
e  
tua melhor palavra  
ou  
teu melhor silêncio.  
Mesmo no silêncio e com o silêncio  
dialogamos.

Este curso sobre uma antropóloga negra, Zora Hurston, me ensinou sobre muitas coisas, dentre elas, tanto sobre a necessidade do silêncio quanto sobre as estratégias epistemicidas de silenciamento. Depois dele, de forma autor-reflexiva, chego à conclusão de que eu poderia ter sido um professor de Antropologia menos pior se eu tivesse, ao longo de minha trajetória de docência, ouvido mais as alunas e os alunos, todes, a começar por Rafaela, Steffane e Nicole, minhas mestras brilhantes nessa experiência, que souberam falar e nos despertar para o olhar de Zora Hurston. Eu teria sido um professor bem melhor se tivesse ouvido mais (se tivesse menos tentado a ensinar – pois, acho que foi o filósofo Jacques Rancière que ensinou isso, o “mestre é aquele que aprende”, no seu livro *O mestre ignorante*). Aprendi que uma outra maneira de ensinar Antropologia é possível (talvez, qualquer ciência), aquela que parta da experiência de cada uma e de cada um dos estudantes, daqueles que estão dispostos a colocar os seus corpos e trajetórias de vida em jogo para ler, interpretar e construir um conhecimento contra-hegemônico, que seja efetivamente contra-colonial. Enfim, talvez estejamos retornando ou devemos de fato retomar a pedagogia do oprimido de Paulo Freire (que um dia foi aplicada numa de nossas aulas por Rafaela), que é desconstruir a “educação bancária”, aquele que pressupõe, de um lado, o professor, detentor de um conhecimento, e, de outro lado, um aprendiz que não participa do processo de conhecimento, apenas o recebe de forma passiva. A vivência e os corpos de quem aprende nunca devem ser sublimados na prática de uma educação libertadora.

No final de nosso curso sobre Zora Hurston, numa atividade de auto-avaliação, ouvi estudantes dizendo que aquela disciplina tinha sido a mais importante na sua graduação, aquela que os tinha de fato movido, tocado, encontrado sentido em estar na universidade e ter uma formação em Antropologia ou Ciências Sociais. Alguns de nós choraram. Eu chorei no meu silêncio, pensei que nunca mais pudesse faltar Zora Hurston nos nossos cursos básicos de Ciências Sociais, não só nos cursos optativos. Que nunca mais houvesse uma formação antropológica sem Zora Hurston, Lélia Gonzales, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Aimé Césaire, Grada Kilomba, Nego Bispo, Ailton Krenak, Davi Kopenawa..

Poderíamos contar dos diversos momentos provocativos e emocionantes que aconteceram durante as vinte e oito aulas, os mais de quarenta textos apresentados que se dividiram entre textos de autoria da própria Zora, e outros de intelectuais negros, indígenas, brancos que dialogam com a produção do temas de Zora, entre

temáticas sobre literatura, cinema, escrita, pesquisa etnográfica, raça, negritude e entre outras coisas. Mas os textos, reflexões presentes nos trabalhos do presente dossiê contarão melhor do que nós, o que foi estar, aprender e compartilhar nesta disciplina.

## AS MUITAS “ZORAS” QUE HABITAM ZORA NEALE HURSTON



Figura 1 – Registro da conclusão do Curso Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston. Fonte: Autoria própria.



Figura 2 – Divulgação do Curso Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston. Fonte: Autoria própria.

Zora graduou-se na Universidade de Howard e ingressou na pós-graduação sob orientação do antropólogo Franz Boas no Barnard College da Universidade de Columbia. Colaborou com a construção do movimento Renascimento do Harlem, trabalhou em peças de teatro como roteirista na década de 1930 e, ainda na mesma década, obteve seu PhD em Antropologia. Escreveu *Barracoon* (1931), *Mules and Men* (1935), *Their Eyes Were Watching God* (1937) e *Tell My Horse: Voodoo and Life in Haiti e Jamaica* (1938), atuou ainda como consultora para a produtora Paramount Pictures.

Zora transitou muito e há muitos grifos de caráter biográfico sobre Zora Neale Hurston,

O objetivo deste curso é apresentar e discutir a trajetória e o trabalho de Zora Neale Hurston (1891-1960) no contexto da história da Antropologia. Hurston foi uma mulher negra, antropóloga, escritora, cineasta, musicista e estudante que colaborou com um clássico da Antropologia, Franz Boas (1858-1942). No entanto, a autora teve sua obra esquecida ou invisibilizada na antropologia e alhures! No Brasil, somente nos últimos anos, ela tem sido resgatada e traduzida. Quais as razões estruturais desse silêncio? Qual a importância de discutir, hoje, os trabalhos da autora? Qual o desafio para traduzir sua obra e fazê-la ser compreendida em português brasileiro? Como se inspirar no seu modo de fazer pesquisa e, sobretudo, de escrita na prática antropológica e literária? Estas são algumas questões norteadoras do curso, e, esperamos, inspiradoras para pensar nossas próprias pesquisas e estilos de escrita!

O curso será baseado em textos da própria Zora Hurston (dentre eles, “Seus olhos viam Deus” e “Olualê Kossola: as palavras do último negro escravizado”), em materiais audiovisuais e documentários sobre Zora Hurston.

Figura 3 – Divulgação do Curso Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston. Fonte: Autoria própria.



Figura 4 – Divulgação do Curso Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston. Fonte: Autoria própria.

sua vida e sua trajetória. Sobre como sua vida foi marcada por silenciamentos diversos, apagamentos e violências. Sobre como o epistemicídio (Carneiro, 2023) a violentou de tantas formas, apesar de tudo o que fez, criou e de seu pioneirismo. Isso é uma parte importante de Zora e faz com que no futuro de Zora, o agora que estamos vivendo, estejamos retornando aos seus trabalhos, suas pontes e seu legado. Zora Hurston é uma antropóloga insubmissa. O seu modo de fazer antropológico é permeado por robustez teórica e olhar aguçado, reorganizando a Antropologia e nos dando caminho.

Mas, para além disso, eu, Steffane, gosto de pensar sobre como era a vida cotidiana de Zora. A sua vivência no Renascimento do Harlem, se ela gostava e tinha afinidade com Louis Armstrong e Aaron Douglas. Como eram os dias em Washington, D.C. e as solidões desse lugar, seus sons,

1 Curso denominado “Mala de Miscelânea Marrom”: Introdução à vida e obra de Zora Neale Hurston.

2 *Barracoon* (1931), recentemente traduzido para o português com o título *Olualê Kossola: As palavras do último homem negro escravizado* (2021).

3 Eatonville tem por característica ser uma cidade negra, no sul dos Estados Unidos.

4 Há narrativas de que Zora omitia sua idade para pleitear a bolsas de estudos e acessar espaços educacionais.

árvores e o cheiro das ruas.

Gosto de ficcionar qual o modelo e cor que tinha o carro que ela dirigia e que relata no livro sobre a vida de Olualê Kossola<sup>2</sup>. Sempre achei que Zora dirigia um sedan. Penso que carros azuis marinhos e vinho combinavam com a personalidade de Zora (Hurston, 2021).

Experimento viajar em pensamento para o cheiro das cestas de pêssegos trazidos da Geórgia para Kossola, os sons da cidade de Mobile Bay, as ruas de Eatonville, como foi ser filha do prefeito de uma cidade negra<sup>3</sup>, as melancias que as vejo com sua polpa vermelha e as imagino doces como água adoçada com açúcar (Hurston, 2021).

Revivo e reinvento os olhares de momentos como estes que Zora viveu junto a Kossola:

As cabeças dos homens de Daomé começa a cheirar muito ruim. Ai, Senhô, quem me dera eles queima elas! Eu num gosta de ver cabeça de meu povo nas mãos do soldado; e o cheiro faz eu ficar muito enjoado! 'No dia seguinte, eles acampa o dia todo pras pessoas poder queimar as cabeças pra elas não estragar mai'. Ai, Senhô, Senhô, Senhô! A gente tem que sentar lá e vê as cabeças de nosso povo queiman'o numa vara. A gente fica lá naquele lugar os nove dias. Então a gente segue marcha pro solo de Daomé.' Kossula já não estava no alpendre comigo. Ele estava de cócoras pensando no fogo em Daomé. O rosto dele estava se contorcendo em dor abismal. Era uma máscara de horror. Ele havia esquecido que eu estava lá. Ele estava pensando alto e olhando para os rostos mortos na fumaça. A agonia dele era tão aguda que ficou calado. Ele nem notou que eu me preparava para ir embora. Então saí discretamente, o mais rápido possível, e o deixei com suas imagens de fumaça (Hurston, 2021).

Como Zora se afastou discretamente de Kossola nesse momento que ele se mostra tão vulnerável? Os sentimentos do milésimo segundo que interpela Zora ao ver que Kossola não está mais no alpendre com ela? Não tenho respostas a essas perguntas e nem sei como elaborar sobre elas, mas me pergunto.

Devaneio sobre como Zora lidava com suas relações em campo, sobre as bolhas vermelhas e roxas que a tomavam o estômago ao ouvir um jazz (Hurston, 2019). Zora faria aniversário no dia 7 de janeiro, segundo a história que ela escolheu contar, é claro<sup>4</sup>. É o mesmo dia do aniversário do meu pai. Zora, meu pai e eu compartilhamos o mesmo signo, Capricórnio; dizem que nós estamos sempre buscando nosso lugar no mundo. Zora e meu pai não estão mais aqui neste plano e gosto de fantasiar momentos e sentimentos dos dois, não coincidentemente.

Sobre Zora, penso sobre as tardes de conversa fiada com doutor Benton (Walker, 2021). Imagino seu guarda roupa com vestidos muito bonitos, cuidadosamente bem costurados, com

estampas elegantes e tecidos diversificados, seus chapéus variados e seus colares. Seus momentos de raiva com a indústria editorial, suas mobilizações, imobilizações e os textos nunca publicados. Aspiro que seria interessante bater um papo com Zora no corredor de uma universidade. Certamente que sentar com Zora em um bar para conversar deve ser mais interessante e divertido. Me pergunto qual cigarro Zora fumava, como ex-fumante e fofoqueira profissional, pois antropóloga, essa pergunta me gera curiosidade.

As muitas "Zoras", que compõem Zora Neale Hurston, enquanto intelectual, escritora, cineasta e acima de tudo, gente, me fazem refletir sobre a circularidade do saber e sobre as muitas vias que usamos para nos comunicar e não arredar o pé de quem somos.

Zora bate como um sopro de esperança em dias sombrios em que a Antropologia, carreira que escolhi, parece não fazer mais sentido. Acredito de maneira firme na guerrilha que fez Zora Hurston ao longo de sua vida. Os brancos que ela enganou e seus modos de resistir cotidianos e institucionais. Zora é muitas e por muitas, e nos atravessa enquanto muitas que ousam seguir sob luz dos caminhos que Zora nos abriu.

\*\*\*

Eu sou uma estudante branca, filha da classe trabalhadora, que ingressou na universidade pública devido às cotas sociais e permaneceu nela devido a assistência e a moradia estudantil. Esses marcadores atravessam diretamente minha forma de pensar e me portar no espaço acadêmico. Ainda muito jovem, aos 18 anos, saí do interior de Minas Gerais para viver o sonho de iniciar o curso de Ciências Sociais, que algumas vezes havia sido classificado como aquele cujos estudantes possuíam maior renda *per capita* em toda UFMG. Naquele momento, eu buscava, inquieta, maneiras de pertencer nesse universo que ainda era tão distante de mim. Lembro-me de ainda nos primeiros períodos do curso buscar entender porque nossa formação básica nas disciplinas optativas se baseava no pensamento masculino, branco, heterossexual e europeu. Ouvi respostas distintas para essa pergunta, como, por exemplo, "Nicole, no período clássico da antropologia existiam muitas barreiras para mulheres, pessoas negras e do sul produzirem conhecimento e acessar universidade, por isso não temos textos desse tipo de autor". Dessa forma, conhecer Zora Neale Hurston, anos depois, apenas no Mestrado em Comunicação Social, foi como se eu tivesse sido liberta de uma mentira muito bem contada e arquitetada por um pacto branco e masculino. Conhecer e se inspirar em Zora é expansão, liberdade e possibilidade.

Atualmente, sou aluna do Doutorado em Antropologia na UFMG, onde construo um trabalho acerca das políticas epistemológicas que envolvem a retomada do trabalho de Zora. Ação empenhada com muita dedicação por minhas colegas Rafaela e Steffane no Coletivo Retomadas Epis-

temológicas, que busca reivindicar o lugar de autoras e autores negros e indígenas na construção do pensamento acadêmico. A disciplina ofertada por nós aos alunos da graduação sobre o pensamento de Zora é parte fundamental das reflexões de minha pesquisa e também das estratégias de retomada do pensamento desses autores. Como a própria Hurston diria em sua autobiografia, sua companhia é algo muito caro e relevante para que seu trabalho seja usado apenas como coleção de leituras "outras", "setorizadas", "complementares", etc. Ou seja, ao apresentá-la às alunas de graduação, não nos foi possível resumí-la a "aluna negra de Franz Boas", a "esquecida da escola culturalista", ou a "escritora de literatura com alguma formação em antropologia".

Dar a conhecer Zora Hurston nos obrigou a não focar simplesmente em escrutinar sua biografia, o que é usualmente feito ao se estudar a obra de artistas e intelectuais negros ou outras minorias. Focar unicamente na trajetória pessoal desses sujeitos, muitas vezes dotadas de contradições como todo e qualquer ser humano, tem sido um dos recursos dos epistemicídios e racismos do mundo acadêmico. Diferente disso, decidimos que a disciplina deveria ampliar repertórios a partir do que consideramos ser os modos de fazer Antropologia de Zora Hurston. Durante a disciplina, além da leitura de textos acadêmicos e de todas as traduções disponíveis de sua obra, nos encontramos com repertórios dos mais diversos, que transcendem, inclusive, o tempo em que Hurston produziu.

Vimos juntas filmes de diversas mulheres negras (Beyoncé, Julie Dash, Safira Moreira, Julia Elisa), além de fotografias e outras artes visuais; lemos juntas em voz alta em sala um trecho de *Seus Olhos Viam Deus* (2021), texto de literatura escrito por Hurston com grande influência de sua pesquisa de campo no Haiti e vivências no sul dos EUA; promovemos um momento de apoio mútuo e coletivo para a reflexão sobre a escrita dos trabalhos finais em uma dinâmica de debates sobre o tema proposto por cada estudante; trouxemos convidados como a antropóloga, cineasta e poeta negra belorizontina Julia Elisa, que apresentou seu filme *Não há coincidências ocupando essa carne* (2021), compartilhou conosco os processos de escrita poética e acadêmica que vem desenvolvendo e ainda nos brindou performando uma de suas poesias; recebemos o colega Gabriel Nunes da Silva, mestrando em Comunicação Social da UFMG e especialista em imagens e cinema negro; pudemos, cada uma de nós, professoras, apresentar nossas pesquisas de pós-graduação. Nós nos ouvimos, nos apoiamos, nos indignamos, nos emocionamos, e nos deixamos ser inspiradas pela obra de Zora (assim, no primeiro nome, como a chamamos com intimidade e carinho) e tudo que ela movimentava.

Assumimos então, ainda que de maneira afetuosa, aberta e coletiva, a seriedade da retomada do trabalho de Hurston e de sua teoria e método no ensino de Antropologia e Ciências Sociais. Desse cenário, derivam os textos que compõem este dossiê, cujas temáticas atravessam pro-

postas distintas, mas que foram inspiradas pelo método aberto, múltiplo e que valoriza a experiência, proposto por Hurston para a produção de conhecimento.

A disciplina foi frequentada em grande parte por jovens negras estudantes de Antropologia. Se não foram maioria em número, certamente foram protagonistas no engajamento das aulas. Um dos primeiros textos lidos na disciplina foi *Em busca de Zora Neale Hurston*, escrito pela escritora e ensaísta estadunidense Alice Walker, e publicado na coletânea *Em busca dos jardins de nossas mães* (Walker, 2021). Em meados dos anos 1980, Alice Walker empreendeu uma busca pela retomada e redescoberta dos escritos de Zora Hurston, que até então permaneciam no ostracismo legado a ela pelas políticas racistas e patriarcais que estruturavam a academia e a produção literária. Nesse movimento, Walker se desloca até a cidade onde Hurston viveu seus últimos anos para recolher depoimentos de amigos e conhecidos sobre o fim da vida da antropóloga. Ao chegar na cidade, Walker relata ter enfrentado uma certa resistência dos moradores em lhe fornecer informações acerca de Hurston. Dessa forma, ela elabora uma estratégia que a possibilitaria facilitar sua aproximação e mente que é sobrinha da antropóloga, numa tentativa de se integrar àquela comunidade e obter as informações que procurava.

Ao comentarmos sobre o texto em sala, as alunas da disciplina, relataram que ao lê-lo, uma prosa literária não ficcional, viram a si mesmas em cada passo da saga na qual Alice Walker se envolveu para retomar a história de Hurston. A dedicação que a escritora empenhou em procurar cada um dos amigos de Zora Hurston, adentrar um matagal com cobras e outros bichos peçonhentos para encontrar seu túmulo, abordar estranhos e detalhar minuciosamente esse fato no texto (em um estilo de escrita que reverbera o legado de Hurston) fez com que elas se sentissem também um pouco *sobrinhas de Zora*. A passagem seguinte foi, principalmente, relatada e retomada em sala algumas vezes: **"A essas alturas estou completamente dentro da personagem, e a mentira sai de meus lábios com perfeita naturalidade. Além disso, pelo que consta, ela é minha tia – e de todas as outras pessoas negras também"** (Walker, 2021, p. 96, grifo nosso).

Essa leitura conjunta iniciou uma espécie de anedota interna da disciplina, em que as alunas – e minhas duas colegas professoras que dividem comigo a experiência de ensino e são mulheres negras – começaram também a se auto denominarem "sobrinhas de Zora". Essa expressão sempre voltava nas discussões, para narrar, por exemplo, a emoção de ver pela primeira vez imagens em movimento de Zora Hurston em campo. Isso tudo, como tentativas de descrever a importância da existência dessa mulher e de suas proposições, que, para essas estudantes negras, muitas vezes extrapola a racionalidade da inspiração metodológica e alcança patamares da representatividade, da projeção e espelhamento que a trajetória de Hurston proporciona-lhes.

Na perspectiva da educação e da criação de comunidades de aprendizagem, como diria bell hooks, tornar-se “sobrinha de Zora” é aparentar-se a ela, tanto na representatividade quanto nas alianças para o fazer antropológico. Para as estudantes negras – que se aparentam e se assemelham com a tia Hurston – ser sobrinha de Zora é encontrar lugar para si, para sua experiência e seus modos de fazer Antropologia. Zora é a tia que desde o passado incide e transforma o presente da Antropologia, provando que esta jamais poderá ser uma disciplina com uma história linear pautada por linhagens temporais que se superam umas às outras respectivamente.

Desde a perspectiva de uma antropóloga branca como eu, compreendo também que, fazer parentesco com Zora Hurston, é expandir as modalidades e possibilidades de alianças e de inspiração de uma prática antropológica que transgride a perspectiva branca, masculina e eurocentrada. Os modos de fazer Antropologia de Zora – como Steffane, minha colega de docência e também de trabalho no campo do patrimônio imaterial, se refere ao trabalho de Zora, elevando-a à categoria patrimonial de “mestra do ofício” – são uma possibilidade discursiva teórica, metodológica, que devem ser assimilados por todos que se engajem em modos de pensar plurais, acessíveis, dialógicos, justos e transformadores para a produção de conhecimento. Engajar-se na comunidade de parentes de Zora Hurston é alargar nossos modos, nossas Antropologias e nossos métodos, fazendo com que eles extrapolem a pretensa objetividade, especialidade e neutralidade acadêmica.

Zora Neale Hurston nunca coube, ou melhor, escolheu não caber em nossas caixinhas e métodos acadêmicos limitantes. Se recusou a especialização compartimentada e espalhou sua obra, reflexões e dados de pesquisa por recursos expressivos distintos, abertos e instigantes. Por isso, ao retomá-la para o presente devemos ter em mente que esse movimento deve também ser múltiplo e aberto. Retomar, inclusive, é uma palavra que acompanha esses sentidos abertos. O que se faz, por exemplo, quando um grupo indígena retoma uma terra tradicional? O movimento vai muito além de uma demarcação física e o prosseguimento das atividades costumeiras em local legalmente assegurado. Retoma-se uma terra indígena para devolver a vida a ela. Juntos e em coletividade se devolvem as matas, os bichos, os cantos e os encantados para seus lugares tradicionais. Se planta, se cuida, se faz vida na terra retomada. Portanto, retomar a obra de Zora Neale Hurston e seus modos de fazer Antropologia é devolver vida e encantamento para a disciplina antropológica e a universidade. É assumir radicalmente a poética e a política que está presente em todo ato de pesquisa – sim, em toda pesquisa: pois existem políticas porcas e poéticas entediadas. Oxalá um dia consigamos nos livrar delas.

Gleiciara Rosana da Silva, em **Zora, Tereza e Beyoncé: é um prazer desfrutar dessas companhias!**, utiliza-se de comparações entre a trajetória de mulheres negras de gerações e origens distintas para traçar suas diferenças e pontos em comum, a partir de relatos biográficos, música e texto.

Luana Rodrigues Nascimento em **Carta (para) sobre ês necessidades** discute sobre como a branquitude aciona a noção de caridade enquanto uma instituição de biopoder na manutenção de seus privilégios em diálogo com a proposição de Sistema Negro de Estimação que propõe Zora Hurston.

Em **“Mas eu não sou tragicamente uma pessoa de cor”: reflexões sobre identidade e relações de poder no pensamento de Zora Neale Hurston**, Pedro Lima Martins em um ensaio-resenha elucida as contribuições do pensamento de Zora Hurston para o campo dos estudos da relação de poder sob luz das relações raciais.

No texto **Solidões que perpassam a pessoa negra no espaço universitário: Perspectivas e experiências de estudantes negras à luz do pensamento de Zora Neale Hurston** de Joyce de Souza Marrocos e Thamyres da Silva Pacheco, exploram vivências com enfoque na solidão da mulher negra no espaço universitário a partir das contribuições de Zora Hurston e da sua própria vivência.

No texto **Pensando imagem, fala e escrita como expressões etnográficas através de Zora Neale Hurston**, Lavínia Botelho e Brito nos apresenta um emocionante relato marcado pela experiência da autora realizando pesquisa em seu próprio território, em como os trabalhos etnográficos e literários serviram como inspiração e referência para refletir sobre experiências dela própria na pesquisa antropológica com a tradição da Folia de Reis e do boi de janeiro na cidade de Rubim (MG).

Bruna Dias Teixeira em um texto ensaio, **Cultivando os jardins de nossos ancestrais: remembering a ancestralidade para autorrecuperar e autodefinir**, nos convida a pensar como a ancestralidade pode ser um caminho para autodefinição e autorrecuperação de mulheres negras, numa escrita provocativa que convida a uma carta pela autora endereçada a sua avó que já faleceu, ela conta sobre as memórias do dia da morte da avó e, neste ousado exercício, reflete a própria experiência de autorrecuperação e autodefinição dentro da universidade.

Em **Sobrinhas de Zora e o Epistemicídio Precoce como política de segregação na UFMG: Relato de uma aluna não binário**, autore Guilherme Henrique Silva Santos nos apresenta todo processo de “sobreviver” na Universidade Federal de Minas Gerais, que envolve uma batalha de resistência aos constantes processos do epistemicídio que se atualiza e a perpassa as trajetórias dos/as/us estudantes nas mais diferentes formas.



Em uma instigante entrevista com a professora Denise da Costa, realizada por Beatriz Natiele dos Reis Sabino, Luana Rodrigues Nascimento, Rafaela Rodrigues de Paula e Steffane Pereira Santos, dialogam com a antropóloga sobre a presença de Zora Hurston na disciplina antropológica, usos da literatura e fazer antropológico a partir de intelectuais negras.

No mais, por sua relevância e importância, materiais didáticos e complementares criados no contexto de produtos da disciplina "Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Neale Hurston" serão disponibilizados. A proposta de **expografia** foi criada e organizada por Beatriz Natiele dos Reis Sabino e Fabiany Silva Ferreira dos Santos, estudantes do curso de An-

tropologia da UFMG está, também, presente no final desta edição. Já na **cartilha** elaborada pelas estudantes do curso de Ciência Socioambientais da UFMG Sônia Antonia dos Santos Magalhães e Gabriela de Brito Santos é apresentado um pouco do legado da notável antropóloga e escritora Zora Neale Hurston, uma personalidade essencial na literatura e na reflexão sobre a experiência negra. Apesar de ter sido esquecida da história por décadas, suas obras têm ganhado crescente reconhecimento por sua importância na valorização da identidade negra e na luta contra desigualdades. Ambos os materiais encontram-se disponíveis no site e redes da Revista Três Pontos sendo permitida e incentivada sua reprodução a fim de difundir a obra da autora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

HURSTON, Zora Neale. Como eu me sinto uma pessoa de cor. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021a.

HURSTON, Zora Neale. **Mules and Men**. [S. l.]: Harper Perennial, 2008a.

HURSTON, Zora Neale. **Olualê Kossola**: As Palavras do Último Homem Negro Escravizado. Rio de Janeiro: Record, 2021b.

HURSTON, Zora Neale. **Tell my Horse: Voodoo and life in Haiti and Jamaica**. New York: Harper Collins, 2008b.

WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.